

INTERPRETAÇÕES INFANTIS

Nahima Maciel
Da equipe do **Correio**

OS MORCEGOS QUEREM DIZER COISAS MÁS DA VIDA, PORQUE SÃO PRETOS. AS BRUXAS ERAM QUEIMADAS. E AS TOURADAS FAZEM PARTE DE UMA PAIXÃO NACIONAL PARA OS ESPANHÓIS, ASSIM COMO O FUTEBOL PARA OS BRASILEIROS.

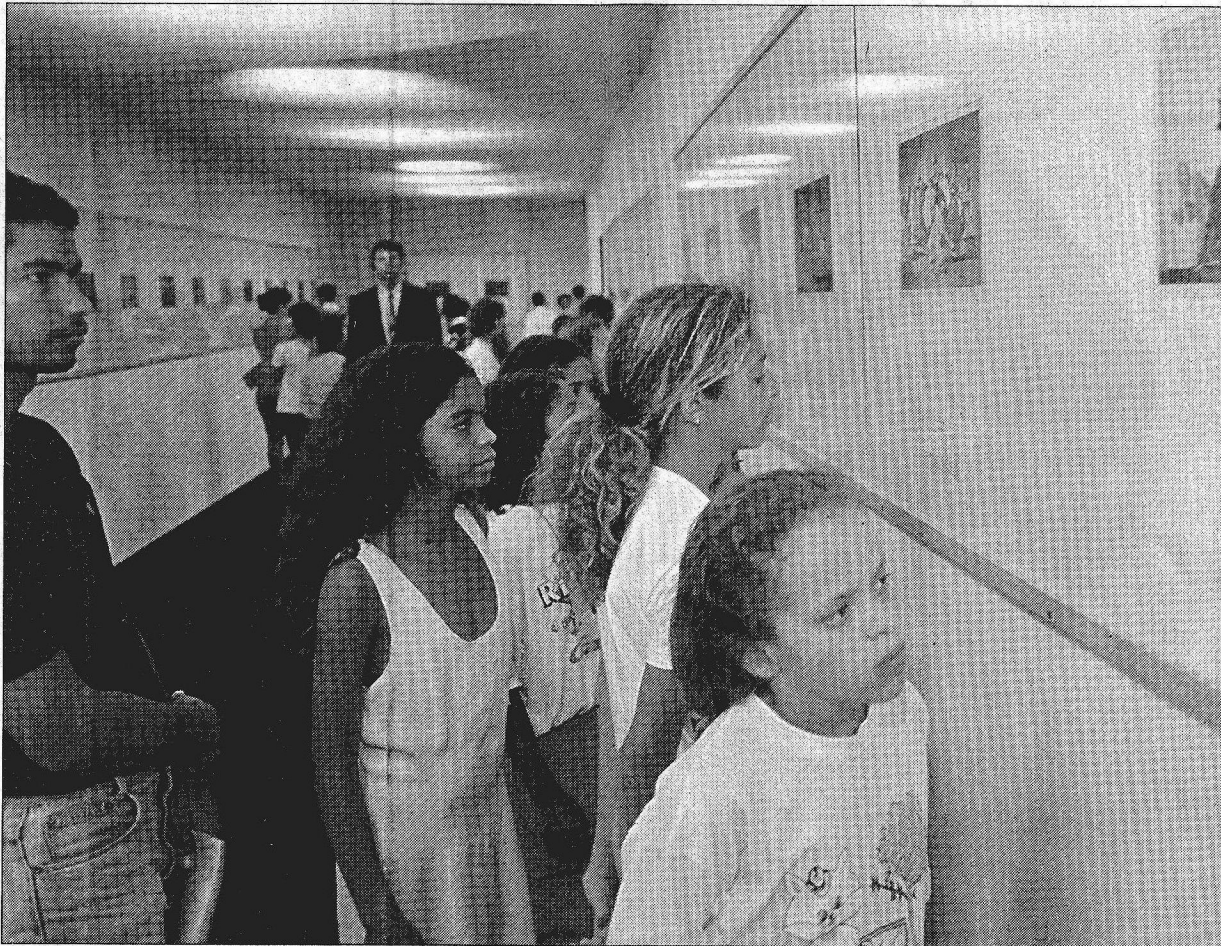
Esses são os pontos que mais despertaram a curiosidade das crianças que estiveram na exposição de gravuras do artista espanhol Francisco de Goya no Panteão da Pátria. Organizadas pela coordenação de museus da Fundação Cultural, as excursões levaram mais de 900 jovens em visitas guiadas pela arte do espanhol.

Sob a orientação de um monitor — ou arte-educador — os visitantes mirins receberam explicações técnicas, históricas e conceituais sobre as gravuras das séries *Os Caprichos*, *Desastres de Guerra*, *Disparates* e *Tauro-maquia*, que integram a mostra *Gravuras de Goya*, em cartaz até o próximo domingo no Panteão da Pátria.

A força das imagens, muitas com representações violentas e tristes, acabaram sendo um chamativo para prender a atenção das crianças. As figurações trágicas — característica constante de Goya — impressionam alguns e surpreendem outros, mas chegam também a satisfazer olhares mais atentos.

“Os desenhos que falam da guerra foram as que mais gostei, adoro coisas dramáticas, elas me prendem, e prefiro que sejam em preto e branco”, comentava Béatrice Stevens, 10, aluna da 4ª série da Escola Francesa, enquanto olhava a série *Os Desastres de Guerra* na exposição, na última semana.

André Corrêa 4.12.97



Crianças do Recanto das Emas admiram as gravuras de Francisco de Goya durante visita guiada ao Panteão da Pátria

Acompanhando a menina no gosto pelo apelo dramático da obra, o pequeno Pierre Nicolas Seyler, 10, garantiu: “Adoro esse tipo de monstros que ele faz, me interessam muito, assim como gosto de livros que falam sobre isso. Me impressionou”.

Enquanto a monitora Lara Campadelli guiava as crianças pela exposição, contextualizando a obra do artista no período histórico em que foi concebida, a agitação ia crescendo. Na primeira parte, quando falou da carga crítica evidente em *Caprichos*, Pierre logo atacou: “Ele era crítico, mas será que também não fazia as coisas que criticava?”.

O artista plástico francês Marc Boillaud, que acompanhou a turma, brincou que a visita acabaria se transformando numa discussão filosófica.

“Eles fazem perguntas pertinentes até mesmo a adultos”, observou.

Já Gabi Costa, 10, queria saber mais sobre a bruxaria da figura *Bela Mestra*. “Mas as bruxas não eram curandeiras? Ou eram más mesmo?”, duvidava, enquanto a pequena Luana Meireles da Silva, 10, baixa demais para a altura das molduras, tentava fixar os olhos em uma imagem da série *Disparates*. “Como ele desenhava bem, fazia os detalhes do corpo, tudo, os mínimos detalhes”, comentava baixinho, como para guardar as minúcias que apreendia.

O professor da turma, Hubert de la Fontaine, reconhece que as gravuras têm um grau de “horror” bastante acentuado e não sabe como as crianças podem reagir, mas acredita que a experiência é, antes de tudo, visual.

“Durante a aula vamos discutir, vou expor alguns pontos e deixar que eles me guiem, mas acho que vão ficar bastante impressionados com as imagens da guerra”, arriscou. “Tenho a impressão que eles olham assim como assistem a matança em filmes e na televisão”, interpretou Marc Boillaud.

Menos atento à técnica e mais preocupado com o conteúdo, Luciano da Silva Vieira, da 4ª série do Centro de Ensino 306 do Recanto das Emas, quis saber por que o burro aparecia em algumas figuras. Quando a monitora explicou o simbolismo do animal, o menino logo entendeu: “Ah! Então está tudo do avesso, o burro representa os nobres e poderosos”.

Mariana Alves dos Santos, 11

anos e a mais alta da turma do Recanto das Emas, destacou a maldade como presença constante nas gravuras. “Não queria viver nesse mundo aí não”, concluiu, depois de passar alguns minutos com os olhos fixos em *É a Mesma Coisa*, da série *Desastres de Guerra*. “São interessantes mas muito maldosas”, sentenciou.

ARTE EDUCATIVA

As visitas guiadas aconteceram durante os últimos 40 dias, tempo em que Goya esteve em Brasília, como parte de um projeto didático-pedagógico desenvolvido pelo Laboratório de Ensino de Artes Plásticas da Universidade de Brasília (UnB). Os alunos de escolas públicas e particulares receberam acompanhamento de estudantes de artes plásticas da UnB, que atuaram apenas como intermediários.

“O arte-educador não fornece as informações, isso é função da própria obra, mas facilita a interpretação”, explica a coordenadora do projeto e professora Elisa Souza. “No caso das crianças, tentamos adaptar a linguagem ao vocabulário de acordo com a faixa etária e tentamos explorar com a criança a perspectiva do artista”, acrescenta.

O conteúdo trágico das gravuras — característica marcante na obra de Goya — acabou limitando as visitas por faixa etária. Grande parte das 39 turmas que estiveram no Panteão eram do 2º grau. “É conteúdo para o Programa de Avaliação Seriada (PAS), entra na parte de Romantismo”, lembra Andreia Rodrigues, uma das quatro monitoras.

Ela aponta que as turmas que mais aproveitaram as visitas foram as de 2º grau. “Eles têm maior compreensão porque já estudaram essa parte da história”, avalia.

SERVIÇO

GRAVURAS DE GOYA

Até dia 14 de dezembro, no Panteão da Pátria (Praça dos Três Poderes), de 10h às 21h. Entrada: R\$ 4 e R\$ 2 (meia).